

# Apocalípticos e integrados na Londres Nordestina

## Apontamentos dispersos para uma breve história do desbunde potyguar

Por Mário Ivo Cavalcanti

Dia desses. No Bar do Lourival, pingo do meio-dia, o fotógrafo Marco Polo Veras (1955) autografa, vagaroso, caligrafia caprichada, um após um, exemplares do seu *Pipa através do tempo*. Dezembro se esparrama, entre cascos, copos de cerveja e uma legião de amigos. A segunda década do milênio se aproxima. Antes que chegue, o médico Pedro Cavalcanti se despede, entra em um Maverick vermelho e dispara, motor rosnando, pneus cantando e uma chuva de pedras que voam, do meio-fio para as mesas da calçada. “A minha turma é assim”, engata rápido Marco Polo, “só tem playboy”.

Houve um tempo, em Natal, quando a playboyzada se confundia com a galera. Às vezes não havia uma divisão nítida em quem era um, quem era outro, embora as duas tribos se mantivessem, quase sempre, separadas. Houve um tempo, então, a parada era dura. A parada era militar. Segundo o músico Mirabô Dantas (1947), falando sobre os *sixties* em *Umás histórias outras canções*, “a cidade tinha que conviver com o karma, se assim podemos dizer, de ser a ‘Cidade Espacial do Brasil’, ou seja, de abrigar uma base de lançamento de foguetes, o que tornava a nossa pequena e pacata capital uma cidade ainda mais vigiada, mais militarizada, mais repressiva”.

O que não impediu ao pernambucano Jomard Muniz de Britto (1937) se surpreender com a profusão de Beatles e Rolling Stones rolando nas vitrolas locais. E mais: “Foi em Brasília Teimosa onde eu ouvi pela primeira vez Jimi Hendrix”, afirmou Jomard, autor do famoso epíteto para a Cidade do Natal: *Londres Nordestina*. London Burning.

O que não impediu, também, a José Humberto Dutra (1947) descrever, em pleno ano do golpe, as artesanias de um baseado em *Geração dos maus*: “Abriu o pacote. Colocou um pouco do seu conteúdo no papel e com um pente acochou. Enrolou, passou a ponta do papel nos lábios e com a saliva fechou o cigarro.”

Deve ser a única referência ao verbo “acochar” na literatura nativa. Surpreendente, se levarmos em conta que até o enfant terrible dos anos 80, o poeta e escritor João Batista de Moraes Neto (1961), o João da Rua, usou de associações para descrever as típicas cenas underground, em seu minioromance *Temporada de ingênios*: “Casa da rapazi é uma loucura. Fauna delirante de hospício. Embaixada da Jamaica. Casa dos amigos de Artaud. Principado de Greenwich Village. Sexo, drugs and rock n roll. Biblioteca dionisiaca. Poemas de Piva, discos de Mautner, desenho de Miró, prosa de Kerouac.”

Ah, sim, Kerouac. José Melquíades (1925-2001) é, provavelmente, o primeiro potyguar a descrever os beatniks no primeiro ano da década de 60, em *Os EUA, a mulher e o cachorro*, aproveitando para revelar e reforçar o preconceito vigente: “São rapazes barbados e cabeludos, enquanto as poucas moças que integram o grupo são esqueléticas, exóticas e excêntricas no vestir. Todos se queixam da vida e reclamam as

leis. É a geração dos insatisfeitos. É um verdadeiro contraste entre a limpeza e o asseio, a felicidade e a responsabilidade da civilização americana.”

Segundo Melquíades, os beats não apenas fumavam maconha, mas, “em suas festas, se misturam com os negros”. O autor os viu in loco: “Visitei exposições de arte, cafés, cabarés e me assenhoreei de todas as suas atividades. São introvertidos e arredios com o estranho e, por isso, temi me aproximar de um deles ou de uma delas.”

Nada de novo na Noiva do Sol – lembra a descrição de Djalma Maranhão (1915-1971) para a turma exótica do final dos anos 40, na Ribeira ainda nova de guerra: “Quando tem companhia teatral na cidade, é muito fácil saber-se porque pela esquina famosa desfila constantemente uma rapaziada ‘cabeluda’, com longas melenas cobrindo as orelhas, com pose de artista e mulheres às vezes muito ‘boas’, mas geralmente idosas e com olheiras artificiais exageradamente pintadas.”

Aliás, Maranhão já classifica as turmas – senão entre apocalípticos e integrados, desbundados e playboys, caretas e transviados, estabelecidos e outsiders – em duas correntes: o Movimento do Pró e o Movimento do Contra. O primeiro “chefeado pelos rapazes (e podemos chamar quarentões de rapazes?) da revista Bando, que os irreverentes, os chamados cripto-comunistas classificam de Bando Fascista.” Na turma do contra, liderados por Antônio Pinto de Medeiros (1919-1970), os expoentes eram Joanilo de Paula Rego (1928) e Walflan de Queiroz (1930-1995), que chegaram a ser processados por fazerem uma serenata em pleno cemitério, um escândalo à época. Era uma turma pra lá de beat: “Não botam açúcar no café com a colher, derramando desleixadamente o açucareiro na xícara. O laço da gravata deles é diferente e mais um mundo de coisas diferentes.”

“Sinto-me marginalizado em meio à burguesia”, relatava Joanilo de Paula Rego, 1977, quase três décadas depois, em entrevista a Osair Vasconcelos, que descreve, maravilhado, sua coleção de quatro mil discos e seis mil livros, de Bach a Bob Dylan, de García Lorca a Aldous Huxley. “Prefiro não ser compreendido pela legião dos bem-comportados, dos quadrados e dos enquadrados.”

Ah, sim, o poeta Antônio Pinto de Medeiros. Descrito por Veríssimo de Melo como “incendiário, numa época em que todos ou quase todos eram bombeiros”, foi o único mortal da Academia Nortterriograndense de Letras a desistir das glórias da imortalidade. “Estava sem paletó, vestindo camisa de meia com listras finas de azul e vermelho, calçando alpercatas abertas”, descreveu Otto Guerra, testemunha do momento histórico.

O vestuário exuberante tampouco era novidade – Cascudo cita o “frack esverdeado” e o colete “entre lilás e vermelho” de Ferreira Itajubá (1876-1912), sempre acompanhado do “violão de folhas de flandres (para a chuva não descolar)”. Numa época em que os bailes contavam com uma “quadrilha imperial, marcada em francês”, os sapatos eram de pelica inglesa e “ninguém ia ao baile senão de preto e de casaca”, os poetas oficiais não aprovavam a figura desengonçada de Itajubá: “doido para figurar em todas as associações, era recusado por todas”.

Moda sempre foi – também – a praia do poeta Blecaute (1961-1999): camisa azul celeste, blazer e calças cor de goiaba, colar de contas alaranjadas, pulseiras de metal

prateado, tênis brancos e meias roxas “de monsenhor” – a descrição é de Franklin Jorge (1952) em *Spleen de Natal*. Moda pra chocar, sempre, essa dos poetas marginais. “A polícia o persegue nas ruas como um animal perigoso”, explicou Jorge, “é pobre e tem a ousadia de vestir-se de acordo com os caprichos de sua imaginação”. Ah, sim, e a propósito, Franklin Jorge. Seu alterego, Jorge Antonio, resume o espírito anticonformista da época, das épocas, aliás, que tudo se repete desde sempre: “As regras não faziam nenhum sentido para nós, que desejávamos dinamitar o edifício do sistema.”

Estar à margem nunca foi moleza. Othoniel Menezes (1895-1969), o “príncipe dos poetas potiguares” (ou o “príncipe plebeu”, na definição certeira do seu biógrafo Cláudio Galvão) resumia para o poeta Damasceno Bezerra (1902-1947) o que valeria para quase toda uma geração futura, incluindo ele mesmo: “paga bem caro o sinistro privilégio de haver nascido, grande poeta, em terra de mercadores”.

Exceção à regra – no sentido que, aparentemente, não estava *nem aí* – Juvenal Antunes (1883-1941), autor do mais que famoso *Elogio da preguiça*. Radicado pelas bandas da Amazônia, volta e meia retornava ao seu Ceará-Mirim, onde “cumprindo a receita helioterápica do facultativo acreano que em primeira mão me examinou as pernas de raça fina, já estou aqui, às 7 da manhã, de gâmbias ao sol, estirado numa preguiçosa... As camponesas, que passam pela estrada, me dão respeitosa e as horas. Eu, sempre ingênuo como os poetas em geral, lhes correspondo com as pernas... Enfim, estou gozando a sensação inédita de ser julgado maluco”.

Se para os mancebos a rapadura não era mole, não, imagine para as senhorinhas, obrigadas a andar sempre na linha. A poeta Isabel Gondim (1839-1933) – citada por João Medeiros Filho – não aprovava nem um pouco o comportamento avant-garde de Nísia Floresta (1810-1885), que teria se aproximado do primeiro marido numa festa a “soçobrar uma guitarra e a exhibir os seios”. A seguir, casada, “adúltera, exibindo sem reboço na capital do Rio Grande do Norte a vida livre que adotara”, termina por se separar, casar novamente, e partir, de vez, para o exílio na França.

O ambiente era pesado a quem nadava contra a corrente. Daí a visível sensação de liberdade experimentada por Mário de Andrade (1893-1945) quando, depois de uma temporada em terras potiguares (na casa de um Cascudo recém-noivo, “me prolongando pelas quietudes de Natal”), parte para Recife. As notas de viagem são sintomáticas – entre 14 de dezembro de 1928 e 27 de janeiro de 1929, anota várias vezes: “dia besta”, “dia bestinho”, “continua bestice”, “apenas coisinhas natalenses”. Na capital pernambucana, em pleno carnaval, o dia 9 de fevereiro é de acordar “bem disposto”: “Pelas 22 [horas] Cícero [Dias], Ascenso [Ferreira] amigo do Cícero estão num porre formidável de éter. José Pinto e eu vamos no meu quarto de hotel tomar coca. Surge o pessoal todo que soube pelo merdinha do pintor [Cícero Dias] do caso da coca. Daí em diante o pessoal, principalmente Ascenso, se tornaram intoleráveis.” José Pinto era natalense, irmão de Adamastor Pinto, e aparece não poucas vezes acompanhando o paulistano desvairado na farra pernambucana. No dia 10, domingo de carnaval, escreve Mário: “Acabei no Palace com amigos de improviso e o José Pinto, cocaína e éter.” Dia 12: “De-noite, depois de livre do Ascenso, pude com mano de Adamastor e outros, tomar o pó e éter loucamente. Passei o resto da noite, por me sentir ainda com o resfriado do dia antecedente, passei a noite sob efeitos reprovocados de coca e éter, uma luxúria até 6 da manhã.”

Há de se notar que a cocaína, então, era razoavelmente tolerada, e a repressão só seria fortalecida na década seguinte, sendo seu uso retomado lá pelos anos 80, inclusive na Capital Espacial do Brasil, sempre de modo não declarado, o que faz o poeta Adriano de Sousa (1962) comparar Natal, em *O alvissareiro*, a “uma boca de pó malhado” (“eu vi os seis-botões dos bacharéis beletristinhos/ batendo uns epigramas na pia marmórea”).

Entre idas e vindas, porralouquice e caretice, tudo indica que o apogeu e glória da Londres Nordestina se deu pelos idos de 1973, ano em que a revista *Veja* publica uma matéria onde se lia: “a ‘ripongada brava’ anuncia que vai tentar a praia dos Artistas, em Natal, onde já funciona uma sucursal provinciana do ‘desbunde’.” E Sebastião Carvalho publicava matéria no número 6 dos *Cadernos do Rio Grande do Norte* intitulada “Praia dos Artistas as grutas do barato”, numa referência explícita às *Dunas do Barato* cariocas.

Noves fora o percurso, às vezes trôpego, às vezes decadente, do *barato* potyguar, a paraibana Clotilde Tavares (1947), protagonista de mil e uma aventuras na Cidade do Sol, resume a odisséia apocalíptica em poema dedicado, pois não, ao beat Allen Ginsberg: “& eu/ que uivei como um cão danado pelas esquinas da década de 60/ & eu/ que me encharquei de drogas & sexo & rock nos inferninhos da década de 70/ & eu/ que me banho de álcool & solidão nas páginas da década de 80/ [...] & se eu não tivesse feito tudo isso/ & se não fizer tudo isso/ vale a pena/ ainda/ estar viva?”